

TODOROV, LEVI E ADORNO: CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E TESTEMUNHO NO SÉCULO XX.¹

Roberto César Barros Gonzaga²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre história, memória e testemunho no século XX. Ganha destaque aqui os nomes de Todorov, Levi e Adorno pensadores que após o fim da Segunda Guerra Mundial não se calaram perante essa catástrofe e ponderaram em suas obras sobre esse triste e infeliz capítulo de nossa história.

Palavras-chave: Adorno. Levi. Todorov. História. Memória. Testemunho.

TODOROV, LEVI AND ADORNO: CONSIDERATIONS ABOUT HISTORY, MEMORY AND TESTIMONY IN THE TWENTIETH CENTURY.

ABSTRACT

The present article has as objective to present some considerations on history, memory and testimony in the twentieth century. Is highlighted here names of Todorov, Levi and Adorno thinkers that after the end of World War II not if silent before that catastrophe and to reflect in its works on that sad and unhappy chapter of our history.

Keywords: Adorno. Levi. Todorov. History. Memory. Testimony.

Em 1945 chegou-se ao fim a Segunda Guerra Mundial, e não se levou muito tempo para vir ao mundo as primeiras notícias a respeito das vítimas de guerras, violências políticas e os campos de concentração e de extermínio. As notícias que chegavam ao público apresentavam centenas de indivíduos que sofreram com esse triste e infeliz capítulo de nossa história e diante de tanto horror, ponderar sobre esse morticínio de dimensões tão extensas, é o que restou para ser narrado por aqueles que não vivaram cinzas nas câmeras de gás.

A máquina de morte dos nazistas não só se consagrou por tentar suprimir os rastros do que existiu em vida, como também coibiu a procura e a divulgação da verdade. Não podemos esquecer que os delitos cometidos pelos regimes totalitários do século XX nos “revelaram a existência de um perigo antes insuspeitado: a supressão da memória” (TODOROV, 2000, p. 11; 2002, p. 135). Não podendo existir nenhum

¹ Este artigo é a versão revista e ampliada de comunicação apresentada no IX Congresso Internacional de Teoria Crítica, realizado em Piracicaba-Sp, em 2014.

² Mestre em Filosofia da Educação pela UNIMEP-SP e Professor de Filosofia da Rede Particular de Ensino em Belém-pa; email: robertogonzaga11@hotmail.com.

vestígio da barbárie, “os corpos dos campos de concentração são desenterrados para serem queimados e depois dispersarem as cinzas” (TODOROV, 2000, p. 12), assim destruindo toda lembrança que, supostamente revela-se a verdade para o mundo, faz-se necessário apagar as marcas da “solução final” essa ferida aberta na memória daquele que sobreviveu.

Lembremos agora que mais de cinco décadas após o término do regime totalitário de Hitler, os resquícios desse mal ainda se fazem presentes em nossa época. Não obstante, considerações sobre história, memória e testemunho sobre o Holocausto ganharam destaque nas vozes de vários indivíduos sobreviventes dessa tragédia, um olhar sobre o século XX nos incentiva a indagar com algum desassossego: “o que deste século XX, seria bom reter?” (TODOROV, 2002, p. 9). Será lembrando como um século sombrio, em que vidas foram aniquiladas em nome do progresso da raça ariana, ou ficará conhecido pela resistência de alguns indivíduos que lutaram bravamente contra esse mal, em outras palavras, apresentar algumas reflexões sobre esse período de dimensões tão catastróficas, está sujeito à experiência pessoal de cada um, e para o historiador, teórico literário e ensaísta búlgaro Tzvetan Todorov o ponto fundamental do século XX é:

[...] o aparecimento de um mal novo, de um regime político inédito, o *totalitarismo*, que, em seu apogeu, dominou boa parte do mundo – que hoje está desaparecido da Europa, mas não inteiramente dos outros continentes – e cujas sequelas continuam presentes entre nós (TODOROV, 2002, p. 10).

Nesse sentido, o pensador búlgaro (2002, p. 135) assinala que “as tiranias do século XX”, leia-se comunismo e fascismo “[...] sistematizaram seu domínio sobre a memória e tentaram controlá-la até no que ela tem de mais recôndito”. Esse experimento teve seu apogeu, como é de nosso conhecimento, nos campos de concentração e de extermínio, e ainda pode continuar a viver entre nós devido à memória dos sobreviventes.

No entanto, ressalta o autor de *Memória do mal, tentação do bem* (2002, p. 191) não devemos “sacralizar” a memória fazendo dela “um isolamento radical da lembrança” muito menos “banalizar” a recordação na “assimilação abusiva do presente ao passado”, e com isso apenas descrever os fatos. O que nos interessa

quando falamos das questões referentes à memória, e merece toda nossa atenção é indubitavelmente “o sentido do acontecimento”, quer dizer, interpretar o passado, colocando em diálogo permanente com o presente, dessa maneira, elucidar a questão referente à singularidade desse evento, o totalitarismo de Hitler que proporcionou o extermínio em massa de judeus, de intelectuais e de ciganos, o Holocausto, “símbolo da *Shoah*, continua sendo o emblema daquilo que *não pode, não deve ser esquecido*: daquilo que nos impõe um ‘dever de memória’” (GAGNEBIN, 2003, p. 36). Ou seja, manter de maneira muito viva nas pessoas a esperança de uma consciência crítica em relação ao acontecido, e assim, agindo de tal maneira para que não persistam as condições que tornaram admissível a recaída na barbárie de Auschwitz.

Desse modo, entre aqueles que não se calaram depois de sua libertação dos *Lager* (campos de concentração) e decidiram ponderar sobre essa “crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo” (LEVI, 2004, p. 9). Ganha destaque aqui nesse instante, a literatura de testemunho, de um judeu italiano e sobrevivente de Auschwitz, Primo Levi, que narra de maneira extraordinária em seu último livro de memórias: *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, os horrores que passou nesses dias tão inumanos no campo de concentração, a singularidade de um fenômeno tão bárbaro que as pessoas hesitavam em considerar como verdadeiro ou ignoravam os relatos dos sobreviventes, é o que nos descreve Levi em suas memórias:

Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel) o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente (LEVI, 2004, p. 10).

No entanto, mesmo com toda essa fábrica da morte, os *Lager* acabaram se tornando uma ameaça para a própria Alemanha nazista, devido “a fortuna e a força” de alguns indivíduos que sobreviveram, “e ficaram para testemunhar” (LEVI, 2004, p. 12) sobre a barbárie dos campos de concentração. Com efeito, “é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja

constituído pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI, 2004, p. 13), a difusão das atrocidades cometidas nos *Lager*, é a melhor maneira de combatê-lo, a divulgação dessas informações ganhou destaque nas narrativas de sobreviventes, “[...] a narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma *ponte* com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager*” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66), dito de outra maneira, “[...] narrar o trauma, por conseguinte, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66) não ficando paralisado diante dos crimes originados por essa catástrofe, ponderando assim sobre o alcance do morticínio que se desenvolveu sob seus olhos.

Do mesmo modo, percebesse nessas condições extremas de aniquilamento “nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67). O trabalho fundamental que competiu àqueles que não foram exterminados, em narrar o inenarrável consistiu em “ter condições de se afastar de um evento tão *contaminante* para poder gerar um testemunho lúcido e íntegro” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67). Em outras palavras, com o passar dos anos e em nossos dias podemos “afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão” (LEVI, 2004, p. 14).

Assim sendo, trata-se de um fenômeno que em meio a tensões de sua época só agora com um hiato de tempo podemos “[...] compreender que o massacre nazista foi tremendamente ‘exemplar’ e que, se um outro pior não acontecer nos próximos anos, ele será lembrado como o fato central, como a mancha do século XX” (LEVI, 2004, p. 16), o crime máximo na história da humanidade. Dessa forma:

[...] o sistema concentracionário nazista permanece ainda um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos. Em nenhum outro tempo e lugar se assistiu a um fenômeno tão imprevisto e tão complexo: jamais tantas vidas humanas foram eliminadas num tempo tão breve, e com uma tão lúcida

combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade (LEVI, 2004, p. 17).

Nesse sentido, Levi nos chama atenção para o aniquilamento da memória nos *Lager* que ele denominou no decorrer de seu livro *Os afogados e sobreviventes* de “a memória da ofensa” descrevendo esse fato da seguinte maneira: “as recordações que jazem em nós não estão escritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos” (LEVI, 2004, p. 19). A memória da ofensa, embora passado todos esses anos se mantém viva, “a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa” (LEVI, 2004, p. 20). Os ecos das violações sofridas por centenas e milhares de indivíduos ainda repercutem, com muita força, e estimulam a reflexão de como o ser humano pôde chegar a tal ponto. Portanto:

São muito mais importantes as motivações e as justificativas: por que você fez isso? Você se dava conta de que cometia um delito? [...] E eles [...] terminam por dizer substancialmente a mesma coisa: fiz porque me mandaram [...] dada a educação que recebi e dado o ambiente em que vivi, não podia fazer outra coisa, se não o tivesse feito, outro agiria com maior dureza em meu lugar (LEVI, 2004, p. 21-22).

O que podemos inferir nesse momento: o mal-estar na cultura reflete-se na atrofia do sujeito, gerando assim uma personalidade socialmente integrada ao coletivo, isso ficou bem claro nas declarações feitas pelos carrascos nazistas tanto nos julgamentos de Nuremberg e de Jerusalém, com Himmler, o cérebro da organização do assassinato em massa dos judeus e Eichmann, o responsável pela organização burocrática da deportação massiva dos judeus para os campos de extermínio. Levi cita a seguinte passagem da autobiografia do penúltimo comandante de Auschwitz e inventor das câmeras com ácido cianídrico Rudolf Höss a qual consideramos bastante elucidativo para entendermos essa questão:

[...] fomos educados para obediência absoluta, a hierarquia, o nacionalismo; fomos embriagados de *slogans*, encharcados de cerimônias e manifestações; ensinaram-nos que a única justiça era aquela que serve a

nosso povo, e a única verdade eram as palavras do chefe. [...] Fomos executores diligentes e, por nossa diligência, fomos louvados e promovidos. As decisões não foram nossas, porque o regime no qual crescemos não nos concedia decisões autônomas: outros decidiram por nós, nem podia ser diferente, porque nos fora tolhida a capacidade de decidir (LEVI, 2004, p. 23).

Dessa maneira, quando pensamos nas intervenções públicas do filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno no pós-guerra, ganha primazia uma conferência transmitida em 18 de abril de 1965, pela rádio de Hessen, intitulada “Educação após Auschwitz” [*Erziehung nach Auschwitz*], nela o pensador alemão assinala para os esforços da humanidade em agir de tal maneira que: “Auschwitz não se repita” (1995, p. 119) tornando-se, assim, tarefa primordial para as futuras gerações.

Desse modo, “a principal lição que Adorno aprendeu com o Holocausto referiu-se, com efeito, ao vínculo entre o antissemitismo e o pensamento totalitário” (JAY, 1988, p. 21), os efeitos nefastos da regressão social nazista não tardaram para serem confirmados nos campos de concentração e de extermínio do III Reich. Este emblemático capítulo de nossa história passou a ter uma importância capital nos escritos do pensador alemão, que sem sombra de dúvida, estava muito interessado em investigar as inclinações dos indivíduos para o totalitarismo, rigorosamente falando, como as pessoas conscientes ou não permitiram que ocorresse essa catástrofe na história de nossa civilização.

Não obstante, para analisarmos o pensamento dialético adorniano de maneira incisiva é imprescindível “ressaltar sua consciente contemporaneidade com Auschwitz” (ZAMORA, 2008, p. 12), que se caracterizou como a barbárie do mundo moderno, onde milhares de indivíduos foram exterminados em nome do progresso da raça ariana. Na verdade, quando nos dedicamos sobre a obra completa do pensador alemão “as referências expressas a Auschwitz não são tão numerosas, mas toda ela está escrita desde a ruptura do processo histórico no que significou tal catástrofe” (ZAMORA, 2008, p. 12).

Na visão de Adorno, Auschwitz “tornou-se algo que antes nunca fora necessário temer dessa forma”, devido “o fato de não terem sido os indivíduos que morreram nos campos de concentração, mas espécimes” (ADORNO, 2009, p. 299-300), caracterizando-se assim como o ponto nevrálgico que pesa sobre a sociedade, um prisma exemplar do nexos entre política e cultura, isto é, “Auschwitz confirma o

filosofema da pura identidade como morte” (ADORNO, 2009, p. 300), marcando assim, a singularidade deste evento na história do século XX.

Adorno (1995, p.119-120) adverte para a importância de confrontar-se com essa questão – a atrocidade praticada em Auschwitz, o extermínio em massa de judeus, de ciganos, de intelectuais e de homossexuais - consubstancia a própria recaída, a própria barbárie, que não é um movimento segundo da civilização, é seu primeiro movimento, negando, assim, qualquer possibilidade de humanização fundamentada em alicerces culturais. Portanto, nosso trabalho consiste em ajudar a eliminar as condições objetivas para a barbárie, barrar o processo de anticivilização na própria civilização. E, assim, fazer com que Auschwitz não reviva, impedindo a repetição da barbárie, como uma ameaça viva, presente na civilização.

Nesse sentido, em nossos dias é extremamente pequena a “[...] possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geraram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo” ou a “[...] inflexão em direção ao sujeito” (ADORNO, 1995, p.121). Essa tomada de consciência nos faz pensar que “[...] é preciso buscar nas raízes” e não responsabilizar os perseguidos, mas tão somente os algozes, ou seja, faz-se necessário distinguir “[...] os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos” para que elas “[...] não se tornem, novamente, capazes dos mesmos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos” (ADORNO, 1995, p.121).

Na esperança de agir inversamente à repetição de Auschwitz, Adorno considera primordial ter clareza acerca do modo pelo qual se estabelece o caráter manipulador, para, em seguida, ponderar, a respeito de uma possível formação que ganhe força frente às questões que tornam o indivíduo um ser reificado, para tanto, o pensador de Frankfurt lança uma proposta concreta: “utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise durante muitos anos, para estudar os culpados por Auschwitz, visando se possível descobrir como uma pessoa se torna assim” (ADORNO, 1995, p. 131).

Adorno entende justamente com Freud, em suas ponderações sobre o mal-estar na cultura, que mesmo com todo o progresso técnico e científico, ocasionando em enormes benefícios ao homem, ele não teve plena satisfação de seus desejos e

necessidades, e isso acarretou no perigo de que a violência assenta em risco a própria noção de humanidade civilizada, como algo que é brotado, fundamentalmente, dessa mesma civilização. E para corroborar essa ideia citemos o filósofo de Frankfurt:

Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e a sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios *O mal-estar na cultura e Psicologia das massas e análise do eu* mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador (ADORNO, 1995, p. 119-120).

Nesse sentido, é nesta época, de 1949 a 1963, ou o período de redemocratização do estado nacional alemão, que diversos trabalhos filosóficos e sociológicos do pensador alemão, a respeito da “relação dos alemães com o nazismo no pós-guerra, desdobram-se e podem ser compreendidos. É contra a política do "vamos zerar tudo, esquecer tudo, passar uma borracha em cima e recomeçar de novo!" (CHAVES, 2003, p.46), que o frankfurtiano empenha-se em analisar, e demonstrar a partir daí as diferenças fundamentais “que procuraram separar a *Shoah* do cotidiano dos alemães, reduzindo-a, no melhor dos casos, a algumas raras comemorações” (CHAVES, 2003, p.46), nas palavras de Adorno:

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam. Assim, a corrosão por dentro representa algo objetivo; e as figuras ambíguas que efetivam o seu retorno só o fazem porque as condições lhe são favoráveis (ADORNO, 1995, p. 29-30).

Quando Adorno pondera sobre a “elaboração do passado” e recorre aos textos freudianos, ele quer nos advertir de que o “saber preciso e incisivo da psicanálise é mais atual do que nunca” (ADORNO, 1995, p. 46) e a aversão a ela se aproxima ao repúdio aos semitas ou meramente porque Freud era judeu, provavelmente não, “mas porque a psicanálise consiste exatamente naquela autoconsciência crítica que enfurece os antissemitas” (ADORNO, 1995, p. 46).

Adorno concebeu a “elaboração do passado” partindo de um pequeno escrito de Freud, do ano de 1914 intitulado: “recordar, repetir e elaborar”³ [*Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*] em que o psicanalista descreve as primeiras ideias sobre o “tempo de elaboração”, assinalando, no mesmo compasso, a “insuficiência da lembrança e a ineficiência relativa da interpretação, desde que ela não seja acompanhada da ‘elaboração’” (CHAVES, 2003, p. 47). Não obstante, o autor de *O mal-estar na cultura* assinala “para uma temporalidade própria da *Durcharbeitung*, que não poderia mais ser medida pelo tempo de trabalho industrial, mas por esse tempo, que ao exigir ‘paciência’, implica um processo meditativo, como dos monges no claustro, e, de certa forma, indiferente ao tempo do relógio” (CHAVES, 2003, p. 51), estabelecendo, assim, de uma maneira fundamental acreditava Freud o problema “do terminável e interminável da análise” (CHAVES, 2003, p. 51). Desse estudo do pensador austríaco, encontra-se no texto de 1959 [*O que significa elaborar o passado*], em particular, “o conceito de trabalho (*Arbeit*) de elaboração, travessia (*durch*) ou retomada (*auf*), *Durcharbeitung* e *Aufarbeitung* do passado” (GAGNEBIN, 2003, p. 41). Apesar de, a “*Durcharbeitung* remeter-nos à ideia de um ‘trabalho aprofundado’, a um ‘trabalhar através’ daquilo que se deve conhecer mais minuciosamente” (CHAVES, 2003, p. 47), ou seja, implica um “esclarecimento” do passado, para, enfim compreendê-lo e elaborá-lo.

Se nesse período de reconstrução da Alemanha o pensador do Instituto indaga sobre “elaboração do passado”, e ensaia sua resposta amparada nas categorias do pensamento freudiano, mais detidamente na “dimensão psicanalítica da *Durcharbeitung*, [é] justamente para pôr em questão a política oficial” (CHAVES, 2003, p. 47). Na verdade, na visão de Adorno, “só se pode ‘passar a limpo’ o passado, na medida em que suas ligações com o presente são esclarecidas” (CHAVES, 2003, p. 48). Isso implica dizer que “a *Aufarbeitung* não é, portanto, de um ponto de vista freudiano um ‘passar a borracha e apagar o passado’ mas pressupõe, concomitantemente, a

³ O contexto freudiano é clínico; trata-se de observações ligadas a técnicas terapêuticas a partir de observações práticas. Mas suas preciosas observações foram, diversas vezes, usadas como incentivos que ajudam a pensar também, analogicamente, processos coletivos: de memória, de esquecimento, de repetição. Aliás, os próprios textos freudianos de análise cultural permitem, se não justificam inteiramente, tal analogia (GAGNEBIN, 2003, p.41-42).

Durcharbeitung, esse ‘trabalho aprofundado’ com e por meio do passado” (CHAVES, 2003, p. 48).

O frankfurtiano aponta para esse passado como algo que se torna presente, não para conservá-lo, mas para ser “elaborado”. A falta de domínio sobre o passado e a pouca consciência diante do horror presente, na sociedade, revelam a possibilidade da catástrofe, dos horrores cometidos pelo nazismo. Assim sendo, é necessário ampliar as ideias freudianas, referindo-se a um processo histórico-social: a *Shoah*. Em outros termos, quais os motivos para os alemães do pós-guerra desejarem apagar o passado? Resposta a essa questão: devido à sombra desse passado ainda permanecer muito “forte que não se podia mais viver no presente; esse peso era insuportável porque era feito não só (!) do sofrimento indizível das vítimas, mas também, e antes de tudo, da culpa dos algozes, da *Schuld* alemã” (GAGNEBIN, 2003, p. 39).

Em termos finais, à luz das reflexões que foram expostas ao logo do trabalho pode se dizer que: “[...] na história da educação, na filosofia, na psicologia, o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consiste, assim, em preservá-la, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar como se diz, tradições, vidas, falas e imagens” (GAGNEBIN, 2003, p. 35). Assim sendo, passados todos essas décadas após a libertação dos campos de concentração o que percebemos nos últimos anos é uma ampliação dos museus sobre os *Lager*, bem como livros sobre memória e história do Holocausto, e em nossos dias documentários com relatos de sobreviventes chegam cada vez mais nas telas de cinema, mas não podemos esquecer “que a verdade sobre os Lager veio à luz através de um caminho longo e de uma porta estreita” (LEVI, 2004, p. 15).

As indagações sobre o século XX apresentadas neste texto através de Todorov, Levi e Adorno nos ajudam a levantar questões para serem pensadas pelas futuras gerações –, será que o mundo que admitiu a barbárie de Auschwitz desapareceu junto com os carrascos nazistas, ou – os vestígios desse passado catastrófico a qualquer momento podem voltar –, a *Shoah* continua provocando reflexões e sempre há novos horizontes para serem explorados sobre esse mal-estar em nossa civilização.

Referências

ADORNO, T. W. *O que significa elaborar o passado*. In: _____. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 29-50.

_____. *Educação após Auschwitz*. In: _____. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.

_____. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CHAVES, Ernani. *O que está em jogo na “elaboração” do passado? O “teatro da memória” após Auschwitz*. In: _____. Tecnologia, cultura e formação – ainda Auschwitz. São Paulo: Cortez, 2003, p. 45-56.

FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II*. In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1986, volume XII, p. 163-171.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O que significa elaborar o passado*. In: _____. Tecnologia, cultura e formação – ainda Auschwitz. São Paulo: Cortez, 2003, p. 35-44.

JAY, Martin. *As ideias de Adorno*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Cultrix 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henrique. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MAAR, Wolfgang Leo. *Auschwitz e a dialética de cultura e política*. In: _____. Tecnologia, cultura e formação – ainda Auschwitz. São Paulo: Cortez, 2003, p. 57-74.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Narrar o Trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Rio de Janeiro: Psic. Clin. vol. 20, n.1, p.65 – 82, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Editorial Paidós, 2000.

_____. *Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX*. Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Arx, 2002.

ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno: pensar contra a barbárie*. Tradução de Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.